



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço com o presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev

Palácio Itamaraty, 27 de setembro de 2007

Jornalista: Como fica o Mangabeira Unger? O Mangabeira continuará ali? Como o senhor pretende lidar com a questão do Mangabeira Unger e a permanência dele no Ministério? Como o governo vai lidar com o PMDB?

Presidente: Veja, primeiro eu queria que vocês compreendessem apenas o seguinte: a democracia é isso. Na democracia você ganha uma, você perde outra, você ganha duas, você perde duas. Eu acho que não havia nenhum motivo para que o Senado derrubasse a medida provisória que criava uma Secretaria Especial. Eu vou a São Paulo hoje, vou ao Rio de Janeiro amanhã e, na segunda-feira, eu tomarei a decisão do que fazer. O dado concreto é que nós vamos ter um Ministério, porque nós precisamos. Ou seja, eu estou querendo construir, e por isso criamos a Secretaria Estratégica para pensar o Brasil para 2022, para que a gente comece a maturar que tipo de País nós queremos entregar aos nossos netos e bisnetos em 2022. Não conversei ainda com nenhum senador e, portanto, eu estou muito tranquilo.

Jornalista: E o PMDB, está querendo barganhar cargos?

Presidente: Eu encaro isso com naturalidade, encaro essa reação com uma certa naturalidade da política. Primeiro, eu não pedi nada e eu não barganho. Eu faço acordo programático, eu faço acordo de partido, mas não é possível você ficar barganhando cada votação que vai para o Congresso Nacional. Eu quero dizer que o Senado não pediu nenhum cargo, não existe nenhuma



reivindicação. Eu, sinceramente, acho que esse é um problema que o líder do PMDB, o líder do governo no Senado e o coordenador político vão resolver. Agora, a minha preocupação é ir a São Paulo, depois ao Rio de Janeiro.

Jornalista: O senhor não teme que isso contamine a votação da CPMF?

Presidente: Eu não temo. Sabe por que eu não temo? Porque as pessoas têm que ter responsabilidade. Essas coisas não são do meu interesse, essas coisas são de interesse do Brasil. Lamentavelmente, algumas pessoas não percebem que nós levamos um século para fazer o Brasil chegar à situação que chegou. O Brasil está numa situação de alta respeitabilidade internacional. O Brasil está numa situação de alta credibilidade na área comercial, na área econômica, na área empresarial. Nunca entrou tanto dólar no Brasil como tem entrado agora, dólar para investimentos. A economia está tranqüila, o povo está melhorando de vida. Então, eu acho que as pessoas precisam compreender apenas isso: quando um projeto chega ao Congresso Nacional, eu acho que o Senado, a Câmara, podem melhorar as coisas. Naquilo que eles pioram, eu tenho direito de veto. Portanto, para mim, esse exercício da democracia é uma coisa que eu respeito. Para mim, essas coisas não são para deixar ninguém nervoso, irritado, achando que o mundo acabou, ou seja, para mim, é o seguinte: é um respiro mais forte que aconteceu e nós vamos tomar as medidas cabíveis para fazer o que deve ser feito.

Jornalista: O senhor põe a mão no fogo pelo ministro Walfrido?

Presidente: Eu vou dizer uma coisa para vocês. Primeiro, eu não considero ninguém inocente e nem culpado. A minha tese é de que todos são inocentes até prova em contrário. O Walfrido tem me dito, reiteradas vezes, que se ele tivesse um milímetro de dúvidas das coisas que ele fez, ele já teria me



entregado o cargo. Para isso, ele merece a minha confiança total e nós vamos fazer o que tiver que ser feito. Todo mundo sabe, neste País, o seguinte: ninguém está salvo de investigações na medida em que haja dúvidas. Vamos investigar. Tem problemas? Tem denúncias? Investiga.

Jornalista: E se tiver denúncia?

Presidente: Vamos esperar. Eu não posso fazer política se acontecer isso, se acontecer aquilo. Eu tenho que fazer política em cima de coisa concreta. Vamos aguardar o que vai acontecer. Da minha parte, eu continuo achando o seguinte: ou nós aproveitamos este momento político, econômico que o Brasil está vivendo, tiramos proveito disso e transformamos o Brasil, definitivamente, numa grande nação, numa grande economia, num país com respeitabilidade definida no padrão internacional... Eu, outro dia, disse no Conselho de Desenvolvimento: seria tão bom se as pessoas acompanhassem o que os outros pensam do Brasil lá fora. Então, nós temos tudo. Tudo já foi feito para que o Brasil se transforme numa grande economia. Eu vou continuar assim, porque foi difícil chegar até onde nós chegamos e não vai ser qualquer vento mais forte na Câmara, no Senado ou em qualquer outro lugar que vai me fazer perder a tranqüilidade. Eu sei o quanto doeu nas minhas costas o sacrifício que foi preciso fazer para deixar o Brasil do jeito que ele está. Eu, agora, acho que ele só pode melhorar e vou trabalhar para ele melhorar. Quem quiser trabalhar contra, que trabalhe. A opinião pública vai percebendo. A opinião pública é sabida e vai percebendo quem quer ajudar o Brasil, quem não quer, quem quer que o governo dê certo, quem quer que o governo dê errado, quem está trabalhando para ajudar, quem está trabalhando para atrapalhar. No momento certo, a opinião pública julga todos nós. Muito obrigado.

Jornalista: Obrigado, Presidente.